

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Heloísa Dias Sampaio

AGRESSIVIDADE E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Belo Horizonte
2019

Heloísa Dias Sampaio

AGRESSIVIDADE E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de Título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade, pelo Curso de Pós-graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Pedroso Silveira

Belo Horizonte

2019

S192a

Sampaio, Heloísa Dias, 1972-
Agressividade e comunicação não violenta no ambiente escolar
[manuscrito] / Heloísa Dias Sampaio. - Belo Horizonte, 2019.
38 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

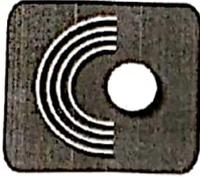
Orientadora: Kátia Pedroso Silveira

1. Educação. 2. Agressividade nas crianças. 3. Psicologia
educacional. 4. Comunicação interpessoal. 5. Relações humanas.

I. Título. II. Silveira, Kátia Pedroso. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.15

Catálogo na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG



ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO TERCEIRO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Agressividade e comunicação não violenta no ambiente escolar”, do(a) aluno(a) **Heloisa Dias Sampaio**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Kátia Pedrosa Silveira (orientador) e Fabrine Leonard Silva. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Heloisa Dias Sampaio
Heloisa Dias Sampaio

Registro na UFMG: 2018751055

Kátia Pedrosa Silveira
Kátia Pedrosa Silveira
Professor(a) Orientador(a)

Fabrine Leonard Silva
Fabrine Leonard Silva
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Para minha mãe,
que me ensinou a ter fé, amor, cuidado e um
enorme desejo de ser melhor a cada dia.

Te amo!

AGRADECIMENTO

Concluir este trabalho em meio a tempos sombrios que vivemos atualmente, só me faz pensar no quando somos força e resistência. À todas as pessoas especiais que trouxeram um pouco de leveza a minha trajetória até aqui eu não poderia deixar de registrar a minha gratidão:

A Deus, que ilumina sempre o meu caminho e sem o qual nada seria possível.

À Professora Katia Pedroso Silveira, pela orientação extremamente cuidadosa, sua disponibilidade e paciência. Serei eternamente grata!

Aos Professores do LASEB que sou muito grata por expandir meus horizontes, pelos seus ensinamentos, suas palavras de incentivo, força e coragem!

Aos meus pais Dirceu e Helena e irmãs que são meu alicerce e força!

Ao meu companheiro, Thierry, pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Aos amigos e amigas do curso especialização, gratidão por todas as trocas, e pela oportunidade de aprender com cada uma das pessoas especiais que formam essa Turma. Cada um de vocês me inspira imensamente!

À professora que me cedeu sua turma e aos alunos pela contribuição na realização deste trabalho, me motivando a cada dia a lutar por uma Educação Transformadora.

[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas sempre vão mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra de montão.

João Guimarães Rosa. **Grande Sertão Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 39.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre a agressividade dos alunos que tem este tipo de comportamento e buscar caminhos a partir de um conjunto de ações que gerem gentileza. Por meio de pequenas atitudes pretendemos favorecer uma transformação do clima escolar, visando um ambiente mais cooperativo e menos hostil. Vários questionamentos foram apontados para que pudéssemos compreender melhor o tema: Quem são os sujeitos envolvidos? como e por que surgem esses conflitos? Qual a melhor maneira de resolvê-los? O Laseb – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica que acontece na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais trouxe imensa contribuição para esse trabalho, no qual a Educação foi abordada pelo viés da Diversidade e Intersectorialidade. Trazendo novas referências, novos olhares e percepções. Durante o Curso fomos convocados ao enfrentamento de questões que há muito nos incomoda. E ao perpassar por esse curso de formação fomos nos descobrindo, descobrindo novas possibilidades, entendendo melhor o funcionamento do jogo em que todos estamos envolvidos e ganhamos força e coragem para lutar contra as desigualdades sociais que são transformadas em desigualdades escolares. Através da aproximação com alunos da turma de letramento e alfabetização foi desenvolvido um plano de ação a partir de referenciais teóricos, da reflexão sobre minha prática educacional e percebendo dificuldades de relacionamento entre crianças e professores dentro do ambiente escolar, oportunizamos o diálogo, práticas de alteridade e o respeito como caminho para a solução de conflitos e uma cultura de paz.

Palavras chave: Formação continuada; Relações interpessoais; Desigualdades; Conflitos; Comunicação não violenta; Cultura da Paz

ABSTRACT

This study aims to reflect on the aggressiveness of students who have this type of behavior and seek paths from a set of actions that generate kindness. By means of small attitudes we intend to favor a transformation of the school climate, aiming at a more cooperative and less hostile environment. Several questions were raised so that we could better understand the theme: who are the subjects involved? How and why do these conflicts arise? What is the best way to resolve them? Laseb - Lato Sensu Graduate Program in Teaching in Basic Education that takes place at the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais brought an immense contribution to this work, for which Education was approached by the bias of Diversity and Intersectoriality. Bringing new references, new looks and perceptions. During the course, we were called to face issues that have been bothering us for a long time. And by going through this training course we discovered ourselves, discovering new possibilities, better understanding the functioning of the game in which we are all involved and gained strength and courage to fight against social inequalities that are transformed into school inequalities. Through the approach with students of the literacy class an action plan was developed from theoretical references, reflection on my educational practice and noticing difficulties of relationship between children and teachers within the school environment, we provided the opportunity for dialogue, practices of otherness and respect as a way to solve conflicts and a culture of peace.

Keywords: Continuing Education; Interpersonal Relationships; Inequality; Dispute; Nonviolent, communication; Culture of Peace.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	COMO SURTIU A PROPOSTA DE REFLETIR SOBRE A AGRESSIVIDADE ..	11
3	VIVENDO À MARGEM E CONVIVENDO COM A AGRESSIVIDADE	13
4	REFLETINDO SOBRE AGRESSIVIDADE E BUSCANDO AÇÕES DE GENTILEZA	17
5	ESCOLA COMO ESPAÇO DE TROCAS E APRENDIZADO	22
5.1	A análise exercida na abordagem com crianças sobre a agressividade	22
5.2	Combatendo o Racismo que também é uma agressão	29
5.3	Refletindo sobre as várias causas que podem levar a agressividade	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

As escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, nos últimos anos, têm se tornado uma extensão da casa dos estudantes. Neste espaço eles passam o dia todo, parte do dia em um turno desenvolvendo atividades escolares regulares e no contra turno participando do Programa Escola Integrada, o que contribui para que permaneçam fora das ruas, já que as escolas municipais, em sua maioria, estão localizadas nas periferias da cidade. Dessa maneira, a escola passou a assumir uma maior responsabilidade no que diz respeito à formação desses sujeitos.

O curso de especialização lato senso em educação básica – LASEB – que é fruto de uma importante parceria entre a Prefeitura de Belo Horizonte – PBH – e a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, acontece aos sábados na Faculdade de Educação desta universidade. Meu ingresso no LASEB ocorreu no segundo semestre de 2018, na área de formação Educação, Intersetorialidade e Diversidade.

Participar deste curso de especialização me auxiliou e me levou a refletir sobre minha prática educacional. Esse processo também me motivou a buscar novos caminhos para redirecionar minha prática e fazer o possível para atingir os alunos com os quais trabalho. Mas quem seriam esses sujeitos envolvidos? Qual o foco a ser abordado?

Os motivos que me levaram a fazer esse projeto de intervenção que visa favorecer a diminuição da agressividade dos alunos da Escola Municipal Professor Paulo Freire foi minha trajetória na própria Rede como auxiliar de biblioteca desde 2014. Ingressei trabalhando no horário de 15 às 21 horas, atendendo nesse tempo o turno da tarde e da noite. Pude perceber algumas dificuldades dos estudantes em se relacionarem uns com os outros. Observo que, qualquer motivo por mais banal que seja leva-os a um comportamento ofensivo envolvendo agressões verbais e muitas vezes até físicas. A raiva explode com facilidade. No início do ano de 2018 passei a trabalhar com as crianças no turno da manhã, e percebi que acontecem os mesmos comportamentos explosivos com os pequenos.

A reflexão se fez sobre como nos relacionamos com o mundo, como cada um de nós, alunos, professoras e até toda a comunidade escolar percebe, criticamente, como está sendo, como se coloca no mundo. Como cada um se coloca em relação ao mundo que queremos, que lugar cada um ocupa, como nos aponta Freire (1979). Assim, devemos refletir como estamos sendo nas relações sociais, nos diversos tipos de interações que vivenciamos no mundo em que vivemos.

Vale ressaltar que, neste trabalho, os nomes verdadeiros dos participantes foram trocados por nomes fictícios para a preservação das identidades dos sujeitos como garantia de sigilo.

Pensando em atingir de maneira gradativa a escola inteira, comecei por uma das turmas de 1ºano do primeiro ciclo. Os alunos têm 6 anos de idade e tive a parceria da professora Lúcia, que é regente de turma e teve disposição em participar do meu projeto de intervenção. Essa aliança foi importante para que o projeto tomasse corpo e saísse do papel.

Como fazer essa intervenção de maneira significativa? Estas e outras questões levaram a novos aportes para o plano de ação que foi desenvolvido. Logo, é o que veremos apresentado neste trabalho.

2 COMO SURTIU A PROPOSTA DE REFLETIR SOBRE A AGRESSIVIDADE

Estar junto de outros profissionais da educação aos sábados, nessa formação continuada do LASEB nos proporcionou conversas sobre a prática docente, partilha de vivências, troca de ideias, pois temos um encontro marcado com o conhecimento. Assim, percebemos que o sistema educacional não está engessado e que dentro dele podemos construir laços de afetos que vão trazer novos significados no processo de ensino/aprendizagem.

Ao mesmo tempo que enfrentamos situações difíceis na educação, demonstramos uma postura positiva ao buscar novas atitudes e práticas que levem à uma melhoria no clima escolar. Muitos de nossos alunos desde cedo encontram, muitas vezes, a falta de atenção, de apoio, de amor na sua trajetória de vida. E isso pode até levá-los posteriormente ao abandono dos estudos.

Nesse contexto, meu foco estava em desenvolver um conjunto de atividades junto aos alunos de 1ºano da turma de alfabetização e letramento, juntamente com a professora Lúcia, buscando mudar esse cenário. Percebemos vários conflitos rotineiros que atingem muitos de nossos estudantes. Os motivos são os mais variados, muitas vezes são gerados por questões relacionadas ao racismo, discriminação de gênero, sexualidade e até mesmo por motivos banais. Pois, a tendência é o agravamento da situação à medida que esses sujeitos vão ganhando mais idade e autonomia. Por outro lado, é importante pensar quais são os fatores que contribuem para que essas crianças na faixa etária de 6 anos estejam com essa agressividade aflorada. Elas estão inseridas numa área de vulnerabilidade social muito grande. Essa realidade não podemos evitar, mas é possível buscar (re) significar seus dias na biblioteca da escola e junto com eles construir um novo caminho a ser trilhado.

A partir deste projeto/ação pretendemos dar mais voz aos alunos, haja visto que, em geral, as crianças são demandadas a aprenderem regras e receberem ordens dos professores. Este plano objetivou por meio de um conjunto de ações, proporcionar o diálogo e compreender melhor o que os alunos pensam sobre esses conflitos, os motivos pelos quais surgem e a melhor maneira de resolvê-los.

É importante estimular a construção de valores, bem como a afetividade, buscando uma convivência harmônica no meio social em que vivem. Contribuir para que os alunos possam reconhecer a si mesmos e aos outros como sujeitos de direitos e como seres sociais que atuam no tempo e no espaço. Partir das decisões coletivas do grupo (alunos, professora e assistente administrativo escolar), tendo em vista as especificidades de cada um, construir normas e combinados de convívio social.

É necessário repensar a educação, fazer uso do currículo oculto, no qual o afeto pode transformar as relações. Articular culturas e identidades dos nossos alunos, promovendo a interação entre todos. Criar um sentimento de pertencimento na classe em que todos sejam ouvidos e respeitados

3 VIVENDO À MARGEM E CONVIVENDO COM A AGRESSIVIDADE

Cotidianamente tenho acompanhado algumas situações de agressividade no contexto escolar vivenciadas por parte de nossos alunos da Escola Municipal Professor Paulo Freire, localizada em uma área de periferia de Belo Horizonte no bairro Ribeiro de Abreu. Como resido nesse mesmo bairro em que trabalho como assistente administrativa educacional na biblioteca escolar, acompanho algumas situações que me permitem o conhecimento da realidade de vida de muitos de nossos alunos. Essas experiências têm me levado a perceber que um lar estruturado parece ser de suma importância na constituição do ser humano.

Muitos desses alunos moram em ocupações urbanas não regularizadas pela prefeitura, sem uma estrutura mínima de conforto e segurança. O bairro Ribeiro de Abreu tem alto índice de criminalidade e muitos alunos relatam que algum familiar próximo foi assassinado. A escola tem alta rotatividade do corpo discente por vários motivos, entre os mais recorrentes estão a falta de casa própria e o medo de acerto de contas por associação ao tráfico de drogas. Infelizmente já perdemos muitos alunos do 3º ciclo para o tráfico. Por mais que programas como Escola Aberta, Escola Integrada e o Fica vivo estejam presentes buscando promover proteção social para jovens que vivem em áreas de risco, muitos ainda são atingidos pela violência. Atos violentos são habitualmente associados às classes populares, entretanto, eles também são protagonizados por pessoas pertencentes às classes média e alta. Aproveito para ressaltar que agressividade e violência não são sinônimas.

O caráter específico da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. O ato violento porta a marca de um desejo, o emprego deliberado da agressividade. Não há, portanto, violência instintiva, porque falar de violência é falar de uma intenção de destruir. (COSTA, 1984, p. 257).

Já para Freud (1939), em sua carta a Einstein “Por que a Guerra?”, um instinto agressivo pode coexistir com a possibilidade de o homem desejar a paz e,

também de empregar a violência. Penso que dificilmente se identifica suas origens, porém a agressividade tem um endereçamento, ela está remetida a alguém ou a algo. Ainda segundo Souza (2002), um ato agressivo pode ser o "Eu" tentando demarcar seu território frente ao outro. Seria também um ato de resistir quando o outro é uma ameaça. A agressividade deve ser percebida como uma mensagem tendo um endereçamento ao outro.

De acordo com Carvalho, o parceiro social não é apenas o companheiro de atividade. Pode ser também um rival ou um empecilho, que pode despertar motivações e atos agressivos, competitivos ou de disputa. Acreditamos que a agressividade pode tomar vários caminhos como nos aponta Sonia Abadi.

A agressão é inata, junto com o amor. No entanto a atitude da criança para com estes impulsos básicos marcará o destino da agressividade e a capacidade de amar de cada um (...). É a oportunidade de reparar oferecida pelos pais que faz possível para a criança a confiança em sua atitude amorosa, favorecendo a aquisição da capacidade de preocupar-se com o outro, enquanto se faz responsável pelos próprios impulsos destrutivos. Aí aparece o interesse pelo autocontrole como maneira de preservar o que se ama (ABADI, 1998, p.59).

Acredito que devemos buscar um caminho para tentar reverter essa situação da agressividade na escola. Para tanto, desenvolvi um plano de ação junto aos alunos da turma de letramento e alfabetização do primeiro ciclo, com o apoio da professora regente Lúcia. As alianças são bem-vindas quando pretendemos realizar algo pois, em uma escola nada se consegue fazer sozinho. Temos que buscar parcerias dispostas a embarcar nos desafios e que tenham a boa vontade de querer construir uma educação melhor, na qual haja espaço de acolhimento e não de discriminação e exclusão. Devemos reconhecer inclusive a existência de relações de poder entre as crianças, que também têm sentimentos considerados negativos. Percebemos a criança como sujeito pleno, capaz de aprender com todas as suas vivências. Elas expressam os sentimentos e extravasam as tensões e dilemas vividos. O exercício da alteridade possibilita a tentativa de compreensão dessas vivências pois, devemos nos colocar no lugar do outro e, também dar lhe voz.

[...] buscando-se colocar em seu lugar para tentar compreender como tais experiências são vividas subjetivamente, tomando-os como agentes que tomam decisões e não como meros elementos sujeitos às pressões externas. É a partir disso que se abre caminho para a comunicação e intervenção educativa eficazes, seja na escola ou em qualquer outro ambiente socializador (OLIVEIRA. JR, 2008, p. 117).

Segundo Paraíso, precisamos de um currículo que pense o desejo como acontecimento, afastando-nos da intenção de querer a todo custo que um determinado objetivo seja alcançado. Precisamos parar de reproduzir e, principalmente, de interpretar. Interpretar o/a aluno/a, diagnosticá-lo/a e classificá-lo/a, então nem pensar! Isso é o mesmo que ver o desejo morrer. Devemos, portanto, perguntar o que queremos com esse currículo? E assim, ver se ele está de acordo com o que queremos e com a sociedade que queremos construir. Perceber se ele está contribuindo ou não para a formação humana. Não podemos deixar que sejam dentro dele silenciados gêneros, diferenças, identidades, culturas, etnias etc. Temos que ficar atentos aos campos de silenciamentos que podem surgir dentro do ambiente escolar.

Assim sendo, um currículo nunca está inteiramente formado pois, durante as aulas a atividade planejada sofre interferências, o currículo pode ser então modificado, movimentado, desconstruído para que faça sentido para o aluno e para nós educadores. Não pode ser aceito de cima para baixo sem luta, sem resistência, porque quem está dentro das escolas somos nós.

O docente é muito cobrado pelo letramento e alfabetização das crianças, mas onde fica o afeto? Esse afeto faz parte de um currículo oculto que trazemos conosco junto com o nosso passado, ele faz parte da nossa trajetória de vida.

A pluralidade desses sujeitos deve ser valorizada e aceita por mais singulares que sejam. Percebo que alguns professores, muitas vezes, rotulam as crianças, têm preconceitos e discriminam os estudantes de várias maneiras.

Uma frase muito comum de se ouvir é tal aluno é fraco, incapaz, feio, sujo e vários outros adjetivos. Marcam o aluno, fixando-o em um lugar que não oferece nenhuma oportunidade de inserção e crescimento. Considerando esses sujeitos, muitos têm atitudes agressivas nas relações interpessoais e nesse sentido, quero

chamar atenção para a necessidade de refletirmos e buscarmos por meio desse projeto de intervenção desenvolver um conjunto de atividades que visem refletir sobre esse problema.

Até mesmo as músicas cantadas e ensinadas por algumas professoras na hora que vão contar histórias para os alunos “mandam fechar a boquinha”, além de muitas falas no imperativo e aos gritos com os alunos e dando-lhes poucas vezes a voz. Isso também é agressividade e, nesse sentido, quero chamar atenção para a necessidade de refletirmos através desse projeto de intervenção, desenvolvendo um conjunto de atividades que possam contribuir para diminuir esse problema.

Penso também que tudo pelo que passamos deixa marcas em nossos corpos e mentes. Um aluno que é taxado pelos colegas ou pelo professor com expressões que evidenciam o preconceito, possivelmente ficará mais desestimulado para prosseguir nos estudos e pode acabar posteriormente evadindo da escola. Precisamos questionar e inviabilizar também a agressividade que ocorre em forma de brincadeiras, piadas, comentários etc.

É preciso construirmos juntos uma sala de aula que contemple uma comunidade, na qual todos se sintam pertencentes. Buscar através do currículo oculto o que não está inserido como conteúdo, mas que muitas vezes pode salvar o dia de um aluno, que assim como nós, também quer ser ouvido, respeitado e incluído.

4 REFLETINDO SOBRE AGRESSIVIDADE E BUSCANDO AÇÕES DE GENTILEZA

O presente trabalho foi realizado a partir da reflexão sobre minha prática, da observação participativa e aproximação durante os meses de fevereiro e março de uma das turmas de letramento e alfabetização, com vista a intervir junto aos alunos de 6 anos, com ações voltadas para a melhoria do clima escolar. Através de práticas reais, não abstratas, realizamos um plano de intervenção, desenvolvido em 5 aulas, nas quais, propusemos um conjunto de ações que promoveram reflexões sobre a agressividade e buscaram gerar gentileza entre os alunos. Nossa intenção foi a de favorecer que um pudesse aprender com o outro, promovendo uma interação mais saudável entre todos.

Como pesquisador devemos desconstruir a visão que tínhamos do que está sendo investigado, aproximar e distanciar quantas vezes for necessário para descrever e interpretar o objeto de pesquisa, como sugere Charlot (200):

[...] Para que não lhe imponham objetos “sociomediáticos” como objetos de pesquisa, ele deve circunscrever o máximo possível os fenômenos, mas também manter-se a distância e sempre voltar aos fundamentos: descrever e escutar, mas também conceitualizar e teorizar. A construção do objeto de pesquisa procede desse duplo movimento de imersão no objeto e distanciamento teórico. Sem o primeiro, a teoria não sabe do que está falando. Sem o segundo, o pesquisador ignora qual a linguagem que está utilizando (CHARLOT, 2000, p. 15 e 16,).

Charlot usa a expressão “objeto socio mediático” para se referir ao objeto de pesquisa como é visto pelas pessoas através dos meios de comunicação de massa, analisado apenas em sua superfície.

A partir de conversas com as professoras das três turmas de primeiro ano foi diagnosticado como um problema relevante, o fato de alguns alunos se relacionarem de forma agressiva: empurrões, tomar objetos das mãos do outro, palavrões e

xingamentos, tentativas de resolver os conflitos “no grito”, chutar, puxar cabelos, jogar objetos, cuspir e morder.

Comecei meu trabalho pela pesquisa bibliográfica a respeito do tema, a qual ajudou-me a nortear o caminho metodológico na parte conceitual do trabalho. Foram lidos artigos e livros que tratam do tema na área de educação e, também do campo da psicologia. Ao que concerne à temática da agressividade no ambiente escolar, percebemos que ela é pouco pesquisada no campo da educação. Apesar de o ambiente escolar, em todos os aspectos, ser um campo de conflitos, o assunto não é muito abordado.

Observamos que, atualmente, é muito comum ver a intervenção de outros atores no cenário escolar atual como, por exemplo, os guardas municipais. Há um processo de judicialização nas escolas. Assim, na maioria das vezes, nas situações de conflitos escolares, envolvendo indisciplina ou agressões, a polícia é chamada a intervir nas escolas. Muitos desses conflitos poderiam ser resolvidos pelo próprio sistema educacional, sem a colaboração dos órgãos policiais, como nos menciona Gonçalves (2002, p. 112 e 113).

Estamos permitindo que outros setores interfiram e até mesmo resolvam questões relacionadas à vida escolar. O que é papel da educação muitas vezes é transferido a outros. Porém a educação não interfere em outros setores.

Isso nos mostra o quanto é preciso preparar o corpo docente para lidar com os conflitos que cotidianamente surgem no ambiente escolar, propondo reflexões acerca do senso de corresponsabilidade e sobre a necessidade de humanização de todos.

Com relação às pesquisas envolvendo crianças, percebo que muitas vezes elas não são tidas como sujeitos de direitos. Talvez, por serem pequenas muitas vezes não são escutadas ou não são respeitadas e vistas em suas particularidades. É interessante notar também as dificuldades que tive em pensá-las como objeto investigado e como somos envolvidos pelo pesquisado no contexto quando estamos na posição de pesquisador. O pesquisado nos transmite através do seu olhar o que vive e sua significação do mundo.

Em toda essa abordagem epistemológica e metódica está em debate a própria definição do dominado. Raciocinar em termos de carências é pensá-lo como um objeto incompleto, do ponto de vista do

dominante, que se situa como sujeito realizado e vê e trata o dominado como objeto. (CHARLOT, 2000, p. 30).

Cabe ressaltar que parte dos conflitos que acompanhei tem origem na discriminação racial, social e de gênero. Mesmo numa escola pública se nota de forma nítida as desigualdades de oportunidades e como a escola legitima essas diferenças. Por fim, a escola transforma as desigualdades sociais em desigualdades escolares.

O objetivo inicial não era pesquisar sobre o preconceito racial existente na relação entre os pares, mas me vi na obrigação de incluir em minha pesquisa este tema, já que o racismo também é uma agressão, é o desrespeito à liberdade do meu semelhante.

Como ferramenta de trabalho para que tudo de mais relevante fosse registrado, utilizei um diário de bordo que foi incorporado em partes no próximo capítulo deste trabalho. Quando escrevemos, percebemos como as relações são constantemente transitórias, nada está definitivamente pronto, terminado. O ato de escrever sobre minha prática pedagógica, sobre a autoridade da pedagogia e a relação dos alunos entre si foi o que me permitiu estranhar o que me era familiar e ao mesmo tempo familiarizar o que era antes estranho. Exercício praticado por nós durante as aulas de metodologia com o Professor Paulo Nogueira.

[...] nós, educadores, indivíduos que ocupamos uma posição particular na transmissão cultural da sociedade (ainda que este mesmo processo possa ser questionado e que se possa pedir ou exigir a transmissão de outras culturas sociais), temos um poder e uma autoridade que nos transcendem como indivíduos e que estão associados à posição social que ocupamos. Isto não quer dizer que não importa a forma de exercer esse poder ou autoridade; pelo contrário, acreditamos que devemos encarregar-nos desse poder e usá-lo de maneira responsável, ou seja, com mais clareza sobre seus efeitos, como parte de oposições e estratégias decididas coletiva ou individualmente. (DUSSEL, CARUSO, 2003, p. 226).

As etapas desenvolvidas nesta ação pedagógica foram:

- a) Na biblioteca foi realizada uma oficina de dedoches utilizando folhas de papel A4, giz de cera e tesoura. Os alunos do 1º ano receberam imagens de figuras de crianças impressas que eles coloriram e recortaram de forma que virou um fantoche que se coloca nos dedinhos, isso é chamado dedoche. Ao todo são 25 alunos nesta turma e foram divididos em cinco grupos.
- b) Em seguida, propus que as crianças de cada mesa escolhessem uma situação, representando contextos que eles vivem na escola cotidianamente, inclusive, aqueles envolvendo conflitos que todos costumam presenciar e até vivenciar. A proposta foi de que, por meio dos dedoches, o grupo criasse uma encenação daquele episódio selecionado. O objetivo desta etapa era que cada situação encenada convocasse os alunos à criação de estratégias para a resolução dos conflitos que normalmente acontecem entre eles. Pretendemos que o processo os levasse a uma reflexão e oportunidade de expressão sobre esses conflitos, dando voz aos alunos de 6 anos.
- c) Retomamos um pouco do tema agressividade e eles assistiram a um curta-metragem de animação intitulado “*O nervosinho*”, uma coprodução da *Tortuga Studios* com a *Cidade do livro*, que retrata a história de um menino agressivo com os colegas. Ao ser presenteado com um peixinho que também tem comportamento agressivo e ao observar as consequências desse comportamento, o menino passa a agir com gentileza e a sentir harmonia em suas relações. A intenção foi que os alunos apontassem suas percepções sobre a agressividade estimulando uma reflexão crítica.
- d) Fizemos uma roda de conversa entre todos para que houvesse o compartilhamento de ideias, o incentivo às manifestações de afeto, cooperação e senso de responsabilidade. Expliquei ainda sobre os quatro componentes básicos que orientam para uma comunicação não violenta: observação, sentimento, necessidade e pedido. A comunicação não violenta é uma ferramenta que foi desenvolvida por Marshall Rosenberg e que tem o intuito de facilitar as práticas dialógicas.
- e) A partir do embasamento na ação realizada foi planejado e criado pelos alunos com minha colaboração e da professora, um cantinho na biblioteca com elementos que eles acharam relevantes para o incentivo da cultura de paz. Fizemos uma árvore de papel e colamos o desenho do carimbo das mãos de cada aluno, nos quais eles escreveram palavras do campo da

gentileza e que expressam bons sentimentos. Também durante o restante do ano letivo serão lidos por mim e pela professora, livros infantis que versam sobre valores humanos que foram escolhidos pelos alunos. Colocamos os livros numa mesinha de canto juntamente com uma pequena plantinha para trazer o sentimento de responsabilidade e cuidado mútuo.

- f) Foi desenvolvida uma dinâmica com uma caixa enfeitada para presente e um espelho no fundo. O objetivo dessa atividade foi que cada criança se visse como um tesouro, se valorizasse e se sentisse como parte importante da turma em que está inserida. Optei por essa dinâmica também para incentivar o respeito a individualidade e diversidade de cada aluno.

5 ESCOLA COMO ESPAÇO DE TROCAS E APRENDIZADO

A análise da prática foi dividida em duas partes. A primeira parte foi realizada na ordem temporal das atividades propostas em cima do tema da agressividade e comunicação não violenta. Já a segunda parte da análise foi feita em decorrência de um caso de racismo ocorrido durante as atividades propostas que mereceu ser analisado à parte

5.1 A análise exercida na abordagem com crianças sobre a agressividade

A turma chegou bem animada para a primeira parte da ação que foi a oficina de dedoches. Alguns sentiram dificuldades para colorir dentro do contorno e para recortar e pediram ajuda, porém incentivei os alunos a terem autonomia.

O ideal seria que os próprios estudantes construíssem seus dedoches, mas cada turma tem apenas uma hora de aula dentro do espaço da biblioteca durante a semana. Nesse horário, além das atividades propostas para a ação aconteceram também as devoluções e novos empréstimos domiciliares de livros literários para a turma. Assim, só tive 20 minutos para nossa atividade. Portanto, nesse dia só deu tempo de eles colorirem e recortarem os dedoches.

Gostaria de ter tido mais tempo para a execução do projeto, entretanto, como não sou professora da turma com a qual realizei o projeto dependi da boa vontade da professora regente. Ficou um pouco complicado conciliar meu plano de ação com o conteúdo que ela tinha preparado para as aulas na biblioteca. O projeto foi interrompido algumas vezes devido ao conteúdo a ser trabalhado em sala de aula que é extenso e são cobradas metas. Talvez hoje eu faria diferente, realizaria uma pesquisa apenas com os professores, talvez até mesmo com os companheiros de curso. Mas, só sabemos as dificuldades encontradas na realização de um trabalho quando o fazemos.

Já nesse primeiro dia teve uma pequena briguinha devido às cores de giz de cera, mas nada fora do normal. Ocorreu também que um aluno brigou na hora do empréstimo dos livros querendo o mesmo exemplar que outra colega já tinha escolhido. A professora e eu tentamos convencê-lo a escolher outro, mas nada. Chorou e esperneou. A dificuldade em receber “um não” para alguns alunos é bastante presente nas turmas de 1º ciclo. Em Belo Horizonte, os nove anos do Ensino Fundamental são divididos em ciclos: o 1º ciclo compreende os três primeiros anos (1º ao 3º), o 2º ciclo, aos três anos seguintes (4º ao 6º) e o 3º ciclo compõe-se dos três últimos anos dessa etapa de ensino (7º ao 9º).

Nesse mesmo dia aconteceu uma briga que envolveu agressão corporal entre dois alunos do turno da tarde, ambos com 11 anos de idade. Como trabalho no horário de 9 às 18 horas, surgiu a ideia de realizar uma roda de conversa com os adolescentes sobre o assunto da agressividade no contexto escolar. Mas não acrescentei isso ao meu trabalho para não estendê-lo mais devido ao prazo.

No segundo dia a professora subiu com a turma para a biblioteca com atraso, faltando apenas 20 minutos para a aula acabar pois, foram desenvolvidas atividades em sala que deveriam terminar naquele dia. Dando sequência à intervenção, devolvi a cada um o seu dedochê e em seguida perguntei às crianças se já tinham assistido à uma peça teatral. Infelizmente quase nenhuma delas tinha vivido essa experiência. Então pedi a um dos alunos que já tinha ido, que contasse como é o teatro.

Os alunos divididos em pequenos grupos encenaram com os dedoches os conflitos que presenciam no ambiente escolar.

No primeiro grupo não foi observado nenhum problema, os alunos encenaram a entrada no portão da escola. Como são pequenos, eles descem pela rampa com o responsável até a quadra da escola onde fazem uma fila juntamente com a professora que os leva para a sala de aula.

Já no segundo grupo é importante ressaltar o fato de que uma aluna, que aqui vamos chamar de Marcela, pegou o dedochê da colega que chamamos por Helena e o rasgou alegando que Helena se sentou na cadeira perto dela e ela não gosta de ficar apertada na mesa. Perguntei a Marcela o que a fez ter essa atitude e ela disse que rasgou porque o dedochê da colega era feio. Eu não percebi na hora, mas isso foi uma manifestação de preconceito racial pois, Helena que teve o dedochê rasgado é negra e Marcela, branca.

Perguntei a Marcela como ela gosta de ser tratada e estendi a pergunta aos outros alunos e falei sobre ser gentil e educado com os colegas, ainda afirmei que esse tipo de atitude não é adequado em nenhum lugar e que ninguém merece ser tratado dessa maneira, todos merecem respeito. São pequenas irritações, mas que demonstram nenhuma vontade de aproximação com a colega. Mediei a conversa sob o ponto de vista do respeito e da gentileza e não entrei no tema do racismo nesse momento. Perguntei novamente o porquê, mas ela só falou que não gosta da colega. Num linguajar bastante adulto para a idade de 6 anos, chama a colega de “feia e folgada”. Pedi a ela que tratasse a colega de maneira respeitosa porque todos merecemos respeito.

Errei nessa hora em não interferir abrindo debate para as situações de racismo e preconceito que sofremos e assim incentivar a verbalização sobre o assunto e valorização da cultura negra. Entretanto, quando estive novamente com a turma falamos sobre o tema. Considerei importante não deixar passar, como se nada tivesse acontecido e, de alguma maneira, combater o racismo. No próximo item há o relato de como foi essa conversa com os alunos.

No terceiro grupo, formado por dois meninos e três meninas, houve uma representação sobre a hora do recreio, em que a maior parte dos alunos foram para a cantina e um deles “furou” a fila da merenda provocando uma briga. Um dos meninos citou o nome do outro dizendo que ele é “brigão, cabuloso”. Os dois alunos desse grupo, rindo e brincando, consideraram “zoação”, chacota, não respeitar as meninas e entrar na frente delas na hora de merendar. Demonstraram menosprezo por elas. Nesse momento, as meninas roubaram a cena ao interagirem com eles perguntando qual a graça que eles viam em fazer isso. Então, a turma toda riu, deixando-os totalmente sem graça.

O quarto grupo não encenou nenhum conflito, apenas representou alunos em sala de aula copiando matéria do quadro. Dentre eles, dois meninos não participaram porque haviam saído da biblioteca para almoçar. Na escola, os alunos com necessidades especiais almoçam antes dos demais colegas. São chamados pela comunidade escolar de alunos de inclusão.

O quinto grupo não compreendeu bem a proposta e representou cenas envolvendo situações vividas fora da escola. Depois de algumas perguntas que fiz, encenaram a aula de leitura na biblioteca, na qual não houve conflitos representados.

Percebo entre os meninos algumas brincadeiras que se aproximam de agressividade. Por exemplo, quando vejo um esganando o outro por trás no canto da rampa, chego correndo para separá-los e eles rindo me dizem que é só brincadeira. Mas muitas vezes é briga mesmo. Quando há machucados os responsáveis são chamados na escola e há uma conversa. Tem mãe que manda bilhetes na agenda do filho reclamando que o coleguinha tem batido sempre em seu filho. No final das encenações, que cada mesa representou, sentamo-nos em uma grande roda no chão e começamos uma conversa sobre o tema da agressividade no contexto escolar. Um dos alunos já foi falando que ele não “caça” briga, mas que se “vierem para cima, ele bate feio”. Aproveitei que os conflitos foram sendo mencionados pelos alunos e conversei com eles sobre o que acham da agressividade e sobre atitudes agressivas.

Expliquei para o grupo que não é bom resolver os problemas dessa maneira, mas temos que ouvir o que o outro tem a dizer para entender o porquê do desentendimento e conversar para chegar a um acordo. Outras participações indicaram que várias crianças precisam de ajuda com as emoções. Principalmente com a raiva.

Estar com essa turma de alfabetização me fez perceber o quanto podemos ser melhores em nosso fazer pedagógico. Às vezes automaticamente trabalhamos sem dar importância às interações pessoais e no ambiente escolar não cabe essa frieza entre as pessoas que ali estão. Portanto, é de fundamental importância pensar nossa prática pedagógica e alicerçar nossa didática no afeto. Um dos melhores caminhos para educar é através de uma boa relação com o sujeito. Respeitar sua cultura e os saberes que cada um já traz em sua bagagem. Afinal, a relação ensino/aprendizagem não é vertical.

Em nosso terceiro encontro, a turma assistiu e gostou muito do curta metragem O nervosinho. Depois disso, fizemos uma roda de conversa para que houvesse o compartilhamento de ideias sobre o filme e todas as atividades realizadas em torno do tema. Os alunos perceberam que a agressividade é mais uma forma de expressão, entretanto, perceberam também que ela pode ser prejudicial na interação com seus pares. Assim, passamos a conversar sobre comunicação não violenta como sugestão de uma melhor forma de nos relacionar com os outros, usando sobretudo a empatia.

Nossa capacidade de oferecer empatia pode nos permitir continuar vulneráveis, desarmar situações de violência em potencial, ajudar a ouvir a palavra não sem tomá-la como rejeição, reviver uma conversa sem vida e até a escutar os sentimentos e necessidades expressos através do silêncio (ROSENBERG, 2006, p. 214).

Muitas vezes, somos levados a interpretações erradas quando nos encontramos em um momento de raiva e de mágoa. É necessário se afastar do conflito e refletir com calma. Expliquei sobre os quatro componentes básicos como nos orienta Rosenberg (2006) para uma comunicação não violenta: observação, sentimento, necessidade e pedido. Expliquei a importância da observação sem julgamentos, expressar nossos sentimentos e respeitar os sentimentos alheios, escutar as nossas necessidades e dos outros, após identificar uma necessidade podemos fazer um pedido, não confundindo esse pedido com uma exigência.

os alunos demonstraram por meio de suas falas que a conversa amigável deve acontecer sempre, ou seja, deve ser uma prática contínua. Perceberam a importância de escutar o outro e entender o porquê da raiva, dos desentendimentos. Se estiverem com raiva não é bom discutir nesse momento para não ficar nenhum mal-entendido, que pode levar depois à inimizades.

Um dos alunos durante a roda de conversa relatou que quando algum colega o tratava mau, chamando-o por apelidos pejorativos, ele rebatia com agressões físicas, e a partir dessa nossa conversa ele entendeu que não é bom resolver dessa forma. Disse que vai conversar primeiro e falar o quanto esses apelidos o deixam triste e com raiva, pedindo para que parem com isso.

Outra aluna sugeriu que quando percebermos um colega fazendo algo considerado errado, não devemos julgá-lo, mas sim conversar com ele. Um dos alunos estava comento salgadinhos chips na quarta-feira e a direção da escola pede que só comam esse tipo de alimento na sexta. Ela viu e chamou a coordenação para repreender o colega. Depois ficou rindo com suas amigas por conta do fato. Percebeu isso como pouco amigável.

Por medo da exposição os sentimentos nem sempre são expressos claramente. Isso também pode acarretar mal-entendidos e até algumas agressões como xingamentos ou o grupo pode ainda provocar o isolamento de um colega

podendo causar uma agressão psicológica. Nossos sentimentos são resultados de como reagimos a ações dos outros endereçadas à nos.

Foi possível verificar, que tudo que é vivido será significado pela criança. O que impulsiona a agressividade pode surgir na tentativa de preencher o lugar da falta ou o lugar da falha que pode estar no ambiente, na falta de acolhimento, em não colocar o aluno como prioridade dentro da escola ou em não ser respeitado em suas particularidades.

Muitas vezes, não percebemos o quanto estamos falhando, e as crianças podem usar a agressividade como artifício para chamar a atenção dos colegas ou até mesmo a nossa. Crianças periféricas são carentes de tudo, inclusive de afeto e atenção. Mesmo não sendo possível exercer o papel de família desses alunos, foi possível trabalhar o currículo oculto, entramos no terreno da emoção e do afeto. Assim, foi dado espaço para a sensibilidade e a voz de cada um. Uma das alunas da classe passou a usar óculos e relatou que tem sofrido bullying por parte de alguns colegas. Ela se referiu também a uma colega que recebe insultos a respeito de seu cabelo. A professora deu voz para que a aluna falasse sobre como foram esses insultos, mas ela, numa atitude que imagino ser de defesa, disse não se lembrar mais disso. Sei bem que essas ofensas nos acompanham por boa parte da vida. Nessa hora me veio a lembrança de como fui segregada durante toda a adolescência por conta da cor de minha pele e classe social.

Conversamos novamente sobre o respeito que todos os seres humanos merecem, falei um pouco sobre a diversidade presente na classe e o quanto isso é enriquecedor. Um dos alunos falou sobre os três colegas que são portadores de necessidades especiais que pertencem a essa turma e trouxe exemplos da boa relação que tem com eles.

A professora fez apontamentos de situações de conflitos que ocorrem na sala de aula e pediu que os alunos citados falassem porque insultam e desrespeitam os colegas. A maioria ficou em silêncio e dois deles disseram que não vão mais ter esse comportamento. Em seguida os alunos escolheram os livros e falaram o porquê de cada escolha. Eu e a professora faremos a leitura dos livros escolhidos por eles e durante várias aulas iremos lendo e conversando sobre o tema com todos para que o trabalho não seja uma ação pontual. Percebi que a importância do projeto foi entendida como relevante.

Importante ressaltar, como algumas crianças que são rotuladas como alunos difíceis só desejam ser notados. Penso que uma das coisas que mais dói em um ser humano é a invisibilidade. Todas as pessoas que trabalham na escola são importantes para o bom funcionamento desta. Entretanto, nem todos são valorizados. Na escola em que atuo quem não é da direção, coordenação, professor ou aluno é invisível. E, infelizmente, nem todos os alunos são percebidos e identificados como objetivo maior da escola. A invisibilidade mata.

Fizemos uma atividade nas aulas do LASEB com o Professor Walter Ude na disciplina Relação dialógica no cotidiano da sala de aula e da escola no qual traçamos o mapa de redes internas da escola e foi nítido que os setores têm relação rompida ou fragilizada entre si, o que traz sérios problemas na comunicação e desvalorização das pessoas que atuam nesses espaços.

Antes das aulas da professora Marlucy Paraíso no Laseb, eu não sabia que o currículo, assim como nós, pode sempre ser modificado, reinventado e transformado de modo que não silencie ninguém e nenhuma cultura. Precisamos pensar qual tipo de sociedade queremos ajudar a construir. Para uma sociedade mais justa e igualitária o currículo tem que operar em cada um no sentido de valorizar a identificação e reconhecimento no outro.

Mas se o mundo não pode ficar fora do currículo, um currículo que se abre para experimentar, por sua vez, não pode funcionar segundo as regras do mundo. Há que inventar outras regras se o mundo está seguindo regras que não servem para o objetivo de fazer do currículo um território de acolhimento, hospitalidade e expansão da diferença (PARAÍSO, 2018, p. 37).

Temos a certeza de que é realmente preciso estar inteiro na prática docente, estar de corpo e alma no que estamos realizando na escola. Existem muitos profissionais desanimados com o rumo que a educação vem tomando e passam suas impressões nas falas e nos comportamentos. Assim como percebo, os alunos também percebem esse sentimento e isso mina as boas energias.

5.2 Combatendo o Racismo que também é uma agressão

O foco do meu trabalho era a questão da agressividade e comunicação não violenta. Entretanto, achei muito importante fazer algo em relação ao episódio de racismo ocorrido na biblioteca.

O objetivo não era culpar a outra criança, mas o importante era perceber os sentimentos e necessidades da aluna agredida e falar sobre racismo sem expor a aluna negra. É fundamental que todos nós tenhamos um grande cuidado para não produzirmos ou reproduzirmos preconceitos de quaisquer naturezas. Não podemos ser neutros diante desse tipo de situação, aliás devemos saber que somos corresponsáveis pelo que acontece dentro da sala de aula.

Para retomar o fato de racismo ocorrido, contei para os alunos a história do livro *Meninas negras*, livro de Madu Costa que traz toda a questão identitária feminina negra dentro do universo infantil. Fiz um momento de diálogo com a turma e assim propus reflexões sobre os sentimentos, as ideias e as atitudes. Relembrando as situações vividas, chegamos ao episódio ocorrido com a aluna negra. Nesse momento, percebi que quando as crianças falam e escutam os colegas, eles conseguem melhor elaborar coletivamente uma solução ou uma estratégia para lidar com estas situações. Alguns expressaram como gostam de ser tratados e alguns demonstraram entender o que é o racismo. Fiquei surpresa quando uma das meninas negras falou que não se deve chamar o outro de preto. Expliquei que isso não é um insulto e que temos cores diferentes uns dos outros, mas que todos devemos nos respeitar. Incentivei as manifestações de afeto, cooperação e senso de responsabilidade. Mostrei a eles o livro intitulado “cabelos de axé” e passei algumas páginas, mostrando a ela e aos outros que ser preto também é bonito.

Muitas vezes, na prática docente, acontece o contrário. Ao se advertir sobre discriminação racial cometida por alunos contra outros, acaba-se chamando a atenção para o estereótipo ou exótico. Se referir ao aluno negro como descendente de escravos é outro erro grave, termo totalmente pejorativo, pois somos descendentes de povos que nasceram livres e foram infelizmente escravizados e alguns ainda o são até a atualidade.

Sugeri, em seguida, a dinâmica com o espelho. Cada um era convidado a abrir uma caixinha de presente que tinha no fundo um espelho. Apresentei uma caixa com tampa decorada com motivos infantis bem atraente e disse que ela guardava um tesouro precioso e verdadeiro. Em seguida, propus que cada um olhasse para dentro da caixa, falei para que admirassem o tesouro e mantivessem ele em segredo. A caixa continha um espelho, ou seja, cada criança viu e percebeu o tesouro que existe em si mesma. Cada um ao abrir e olhar o fundo da caixinha se viu no espelho e foi maravilhoso ver a expressão feliz em cada rosto ao ver sua imagem refletida. Perguntei o que cada um mais gosta em seu rosto e as diferenças físicas entre seus pares. Foi muito bom trabalhar a questão da valorização, da autoestima, do empoderamento e das diferenças chamando atenção para a questão do respeito ao outro.

A identidade racial deve ser entendida como um direito, devemos trabalhar sobre a temática durante todo o ano letivo e não apenas no mês de novembro, conforme trata a lei 10.639/03 que versa sobre o ensino de história e a cultura afro-brasileira e africana não só nas aulas de história, mas em outras disciplinas ministradas no ensino fundamental e médio em todas as escolas públicas e particulares do país.

Devemos contribuir para a valorização e conscientização de que nosso povo negro ajudou a formar o povo brasileiro, compondo a diversidade étnico racial com sua cultura e história de luta pela igualdade. Essa é a causa que todos nós devemos abraçar. Partilhar o sentimento de força que nossa ancestralidade nos traz e o orgulho de nossa raça, pois a construção da nossa identidade é marcada por muitas lutas. Muito se deve à nossa ancestralidade que traz uma ressignificação à nossa existência. Passamos então a entender o porquê de muitas coisas pelas quais passamos durante nossas vidas e, também a conhecer-nos melhor.

Outra percepção muito importante adquirida ao longo de nossas aulas do LASEB foi sobre como a bibliografia que usamos no universo acadêmico é majoritariamente europeia e ocidental. Posso dizer que tive pouco contato durante a graduação nessa mesma instituição com bibliografias produzidas por negros. Entretanto, durante nosso curso de especialização em Diversidade, tivemos a oportunidade de ler e discutir sobre artigos e textos teóricos produzidos por negros e principalmente escritos por mulheres negras que fizeram toda a diferença. Me senti

parte da Universidade também devido às disciplinas trabalhadas durante o curso nesta mesma instituição.

Pela primeira vez, segundo pesquisa do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), negros são 50,3% nas universidades públicas do País. Esse aumento do índice educacional dessa parcela da população se deve às políticas públicas que acabam por permitir o acesso de negros às Universidades Públicas. Muitos desses estudantes costumam ser o primeiro de sua família a entrar no ensino superior. Mas, infelizmente isso não garante melhoria de vida para estes sujeitos. Mesmo depois de cursar uma faculdade e passar por todo tipo de adversidades, o aluno negro muitas vezes continua a ter dificuldades de se colocar no mercado de trabalho.

Então, a partir desses conhecimentos somos convocados, provocados a um deslocamento que nos leva a novas reflexões feitas agora do ponto de vista do lugar da diferença. Assim, quebramos o pacto com a subalternidade ao qual muitas vezes somos submetidos para sermos aceitos na sociedade, colocando nossos corpos no jogo político, em lugares que não se espera que sejam ocupados por nós. Por isso, não podemos deixar morrer os movimentos de luta negra, as políticas de ações afirmativas que existem hoje na tentativa de quebrar o racismo que é naturalizado. Mesmo sendo o Brasil um país em que muitos não admitem ser racistas, quando na verdade o são.

Aqui o racismo se transveste em diversas apreensões sociopolíticas e culturais, fazendo surgir outros valores meritórios que irão inibir a autoestima daqueles indivíduos e desconstituir a capacidade de desenvolvimento de toda a comunidade negra, desagregando sua humanidade e, por consequência, sua condição de sujeito de direitos (BERTULIO, 1995, p. 51).

Temos que desconstruir este estigma social de que essa sociedade colonial do Brasil nos aprisiona. Quando pensamos sobre estarmos ou não avançando, é preciso lembrar que, há tempos, nossos antepassados foram escravizados e sofreram todo tipo de abuso. Para que nossa geração fosse livre, eles lutaram muito. Assim, também devemos continuar resistindo por quem está no início do caminho ou por vir. Mesmo não conseguindo fazer as rupturas necessárias, avançamos.

Ser negro é uma construção política que pode levar anos. Não é fácil se identificar negro numa sociedade que se discrimina as pessoas que carregam essa cor na pele. Isso gera um grande conflito dentro das nossas cabeças. Mas esse conflito nos leva a nos conhecermos.

Foi relevante conversar com os alunos sobre a discriminação racial e o respeito. Assim, pude perceber que não há momento certo para discutir com alunos sobre um tema tão importante. Qualquer possibilidade de trazer uma reflexão sobre identidade racial é válida.

É frequente casos de agressões sofridos pela população negra no Brasil e em outros países. Portanto, sendo o racismo um dos fatores mais comuns que pode levar alguém a sofrer um ato de agressividade, foi muito importante tratar do assunto dentro deste trabalho.

5.3 Refletindo sobre as várias causas que podem levar a agressividade

Cada ser humano tem o seu tempo para assimilar, ressignificar e construir o conhecimento. Nem sempre o que é desenvolvido numa sala aula vai trazer resultados imediatos. Podem-se levar anos entre uma ação e uma reação. Ainda hoje me lembro de algumas questões discutidas em aulas que, só bem mais tarde, entendi o significado. Uma vez compreendido, esse conhecimento passa a fazer parte de nós.

Vários fatores podem levar a agressividade no ambiente escolar: bullying, racismo, necessidade de autoafirmação e reconhecimento, a exclusão social, intolerância religiosa, tentativa de ruptura de regras impostas, o afrontamento da autoridade entre outros. As causas de opressão podem ser múltiplas. Há um intercruzamento de formas de opressão. O mesmo estudante pode ser agredido por ser negro, periférico e homossexual.

Devemos pensar nessa interseccionalidade, neste ponto de encontro de várias opressões que um mesmo corpo sofre. A agressividade nem sempre tem uma causa específica ou uma causa única. Assim, devemos refletir sobre questões que

estão associadas à agressividade. Não podemos pensar na agressão de forma isolada.

Nas palavras do professor Natalino Neves Silva “a nossa sociedade não foi formada para lidar com conflitos. Mas é o conflito que nos humaniza.” A escola em si é composta por uma realidade diversa e aí está um campo de conflitos. Perceber e refletir sobre a cultura escolar e a cultura dos sujeitos nos aproxima da realidade de cada estudante que está ali. É nessa opressão ou pressão que a agressividade surge. Agressões físicas, psicológicas são facilmente presenciadas por nós.

Trazer a prática dialógica da comunicação não violenta para este campo requer motivação, envolvimento de pais, professores, alunos e toda a comunidade escolar para ajudar no controle do impulso agressivo que gera desequilíbrio emocional, desrespeito, desmotivação, indisciplina e pode chegar à violência em alguns casos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este trabalho com o objetivo de refletir sobre a agressividade no ambiente escolar por meio das relações dialógicas e assim favorecer uma possível transformação do clima escolar.

Com este propósito, na biblioteca foi desenvolvido um conjunto de ações que envolveram os estudantes do 1º ano do ensino fundamental que encenaram pequenas cenas do cotidiano escolar e seus conflitos. Esses alunos assistiram ao curta metragem “O nervosinho” onde foi retratada a agressividade infantil e suas possíveis consequências. Os conflitos foram a base para nossa roda de conversa, na qual os alunos discutiram situações vivenciadas e relataram experiências sobre a agressividade. Posteriormente foi introduzida a comunicação não violenta como sugestão na resolução de conflitos que envolvem a agressividade. Os alunos compreenderam que a comunicação não violenta tem como base a observação e a escuta afetiva para entender qual o motivo da agressividade, seja ela verbal, física ou psicológica. Por meio de suas falas, perceberam que todos temos necessidades e precisamos saber respeitar as necessidades dos outros como se fossem nossas. Sabem também que quando uma ação lhes incomodar, devem solicitar para cessar essa ação. Que o diálogo proporciona o entendimento.

Em seguida fizemos uma dinâmica, na qual cada criança foi convidada a ver um lindo tesouro que a escola possui e foi pedido que mantivesse sigilo ao ver o tesouro. Quando abria a caixinha enfeitada que continha um espelho no fundo a criança descobria que ela era o tesouro e se sentia valorizada. Ao final, cada um disse o que viu e o que mais gostam em si. Perceberam como são tão diferentes uns dos outros e como a Diversidade deve ser respeitada.

Criamos um cantinho com livros escolhidos pelos alunos que versam sobre atitudes e valores humanos e com elementos que incentivam a cultura da paz. Ao final das atividades percebi um clima mais harmônico. A sala criou uma nova identidade. A professora regente me relatou que os alunos estão mais atentos às escutas das necessidades alheias e mais receptivos uns com os outros.

Constatou-se que a escola não está isenta dos problemas que ocorrem em nossa sociedade, acabando por ser um reflexo desta, e que muitas vezes não

estamos preparados para o devido enfrentamento de questões, como por exemplo a agressividade. Tratar o outro com empatia se torna cada dia mais raro. Assim, no contexto escolar também observamos conflitos que poderiam ser melhor resolvidos caso estabelecêssemos uma maior qualidade na comunicação por parte de todos.

Fica claro que este trabalho não tem a pretensão de resolver problema da agressividade no ambiente escolar, mas apenas tem o propósito de contribuir para uma reflexão a respeito dela. Sobretudo de incentivar um repensar sobre nossa prática docente.

Certamente, a experiência que o Laseb nos proporcionou de voltarmos a sermos alunos, essa troca de lugar nos levou a visitar memórias nossas que estavam há muito tempo adormecidas e revelou muito de nós. Aproximou-nos ainda mais do entendimento do universo de nossos alunos. Também nos fez refletir sobre esta relação de poder que se estabelece numa sala de aula.

O adoecimento do corpo docente é perceptível por meio de falas e atitudes de falta de paciência no trato com os alunos. Lidamos com a exaustão de trabalho na educação, a desvalorização do professor e provamos de todos os desafios que seguem neste caminho. A mudança que eu quero estar começando em mim e esse passo foi muito importante na minha prática docente. Estou há 6 anos na área de educação e vejo o caos que é esse campo. Todos os dias vivemos um turbilhão de emoções, o profissional que atua na educação deve estar bem emocionalmente e gostar do que se faz é fundamental para conseguir driblar esse mal-estar docente. A nossa vida e as nossas emoções não são segmentadas. Todas as emoções importam.

Os conflitos e as manifestações de agressividade que envolvem os alunos podem estar intrinsecamente ligados a outras questões como preconceito, racismo, intolerância religiosa e todo tipo de diferença. Portanto, os problemas enfrentados na Educação, devem ser vistos na interseccionalidade. Nenhum de nós está pronto, terminado. Somos seres em constante transformação. Esperamos que essas mudanças transformem também nossas práticas e sobretudo nos tornem mais sensíveis à dor do outro, inclusive, que consigamos praticar sempre o exercício da alteridade.

Nesse sentido, os alunos entenderam que quando sentirem raiva ou magoados é melhor parar, respirar, não culpar, não fazer julgamentos porque a melhor maneira de resolver um conflito é o diálogo entre as partes. Sempre se faz

necessário o incentivo às atitudes que propiciem uma socialização e interação de forma amigável, o exercício da comunicação não violenta, as manifestações de afeto, cooperação e senso de responsabilidade. Contudo, esse trabalho não é dos menores e deve ser contínuo, dia após dia as relações interpessoais têm merecido atenção especial.

Como nos encoraja Bell Hooks (2017), seguimos lutando para que nossa prática pedagógica seja libertadora e anticolonial e não de dominação. Que diante dos conflitos, a comunicação não violenta seja uma possibilidade dentro do espaço escolar e fora dele. Portanto, favorecemos por meio dessa ação pedagógica um caminho de transformação do clima escolar, visando um ambiente mais cooperativo e menos hostil.

Já carregamos um passado histórico de autoridade e infelizmente de autoritarismo também. Contudo, ao estabelecermos acordos e combinados com os estudantes, conseguimos diminuir o peso dessa autoridade ou desse passado que distância docentes e discentes. Precisamos melhorar nossa conexão com os alunos.

Término, com a certeza de que nossa turma do LASEB 2018/2019 representa em sua alma a Diversidade em todas as suas formas, construímos nesta formação continuada relacionamentos pessoais e profissionais com conexões positivas e verdadeiras, onde existem trocas e compartilhamento de boas energias. E isso nos fortaleceu como grupo, como povo, como profissional e principalmente como ser humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Inclui na LDB a obrigatoriedade de inclusão da História da África no currículo oficial da Rede de Ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 10 de setembro de 2019.

CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Org.). **Interação criança-criança**: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. Instituto de psicologia da USP, 1989. (Cadernos de pesquisas).

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber**: elementos para uma teoria. Artmed, 2000.

COSTA, Maria do Carmo Ferreira da. **Meninas Negras**. Mazza edições, 2005.

DUSSEL, Ines; CARUSO, Marcelo. **A invenção da Sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1998.

GONÇALVES, Luís Alberto Oliveira; Tosta, Sandra Pereira. (Org.). **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, Luís Alberto Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. In Cadernos de Pesquisa, n. 115, p101-138, março. 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681informativo.pdf>. Acesso em: 19 de nov. de 2019.

O NERVOSINHO. Direção de Nelson Botton Júnior. São Paulo: Tortuga Studios, 2010. Vídeo HD (5min.). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MmldhyncdT4>. Acesso em: 10 de abr. de 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. In **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 587-604, maio/ago. 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 23-52.

PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da. (Org.). **O negro na universidade: o direito a inclusão**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

ROSENBERG, Marshall Bertram. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

VILHENA, Junia de; Maia, Maria Vitoria Campos Mamede. **Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea**. In Revista Mal Estar e Subjetividade / Fortaleza / V. II / N. 2 / P. 27 - 58 / set. 2002.